

CONSTRUÇÃO DA PERDA: ITINERÁRIO EM DIREÇÃO À DOR DO LUTO

Izaltino Rodrigues da Costa Neto¹

Resumo: O presente artigo surge a partir das observações e interlocuções do autor com um grupo de amparo e assistência socioemocional a pais com filhos envolvidos com drogas. O texto aborda as temáticas de vergonha, dor e perda no contexto das relações sociais, as micropolíticas das emoções e seus alcances. O cerne do texto é a narrativa de uma mãe que sobrecarregada de grande tristeza, relata suas experiências nas tentativas de retirar seu filho do mundo das drogas e a difícil aceitação de sua perda, acreditando na morte prematura do filho. Ao compartilhar suas experiências em suas narrativas, essa mãe cria uma relação socioemocional com os demais participantes, indicando que as emoções decorrentes dessa relação com seus pares surgem efetivamente de uma construção social.

Palavras-chave: Antropologia; Emoções; Micropolíticas; Perda; Dor.

Construction of loss: a journey towards the pain of grief

Abstract: This article arises from the author's observations and interactions with a support group providing socio-emotional assistance to parents with children involved in drugs. The text addresses themes of shame, pain, and loss within the context of social relations, the micropolitics of emotions, and their implications. At its core is the narrative of a mother who, burdened with profound sadness, recounts her experiences in attempting to rescue her son from the world of drugs and struggling to accept his premature death. By sharing her experiences in her narratives, this mother establishes a socio-emotional relationship with other participants, indicating that the emotions arising from this interaction with peers indeed stem from a social construction.

Keywords: Anthropology; Emotions; Micropolitics; Loss; Pain.

Construcción de la pérdida: itinerario hacia el dolor del duelo

Resumen: El presente artículo surge de las observaciones e interacciones del autor con un grupo de apoyo y asistencia socioemocional a padres con hijos involucrados en drogas. El texto aborda las temáticas de vergüenza, dolor y pérdida en el contexto de las relaciones sociales, las micropolíticas de las emociones y sus alcances. El núcleo del texto es la narrativa de una madre que, abrumada por una gran tristeza, relata sus experiencias en los intentos por sacar a su hijo del mundo de las drogas y la difícil aceptación de su pérdida, creyendo en la prematura muerte del hijo. Al compartir sus experiencias en sus narrativas, esta madre crea una relación socioemocional con los demás participantes, indicando que las emociones

¹ Doutorando em Estudos de Cultura Contemporânea na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Concluindo uma especialização em História Pública e Ensino de História na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Mato Grosso (2023). Graduação em CST Gastronomia pela Universidade de Cuiabá – UNIC Pantanal - (2012) e especialização em Docência do Ensino Superior pela Faculdade de Cuiabá – Fauc- (2012). e-mail: izaltinoneto@hotmail.com.

derivadas de esta relación con sus pares surgen efectivamente de una construcción social.

Palabras clave: Antropología; Emociones; Micropolíticas; Pérdida; Dolor.

Introdução

A perda e a dor dentro da antropologia são temas complexos e polifacéticos, que envolvem aspectos teóricos, metodológicos e éticos. Elas podem ser compreendidas como experiências humanas universais, além de servirem como uma categoria analítica que possibilita a exploração das dinâmicas sociais, culturais e políticas relacionadas aos processos de luto, memória, identidade e resistência. A antropologia, como ciência que se dedica ao estudo da diversidade humana, tem o desafio de compreender e representar as diferentes formas de lidar com a perda e dor, tanto em contextos de violência, conflito e desastre, como em situações cotidianas de mudança e transformação. Neste texto, pretende-se discutir alguns dos principais conceitos e abordagens que orientam a construção da perda e dor dentro da antropologia, bem como apresentar um exemplo de pesquisa que ilustra a relevância e a atualidade deste tema. Como trazido por Arthur Kleinman e outros, que é essencial compreender como as pessoas vivenciam e atribuem significado à perda em situações particulares e dentro de contextos culturais específicos. (KLEINMAN *et al.*, 1997).

Isso inclui não apenas situações de trauma e desastre, mas também transições cotidianas que implicam mudanças significativas na vida das pessoas. Nessa abordagem destacamos a importância de reconhecer e validar tanto as dimensões pessoais quanto sociais da dor e perda, e para isso "é essencial neste processo a necessidade de permitir que as experiências privadas de dor passem para a esfera das experiências de dor articuladas publicamente." (DAS, 2008, p.431, tradução minha).

Através de estudos como este, podemos ver como a perda não é apenas um evento individual, mas um processo profundamente enraizado em práticas culturais e sociais que moldam a maneira como as pessoas enfrentam e respondem à perda de entes queridos (LAMBEK, 2010). Em mesma sintonia dessas reflexões abordar a dor em seus significados e impactos diversos que variam significativamente conforme os contextos culturais e sociais. Assim, este artigo visa contribuir para uma compreensão mais ampla e sensível das diferentes manifestações da perda e dor através de lentes antropológicas, destacando sua importância na análise das

complexidades da experiência humana em diversos contextos globais e locais.

As emoções têm sido objetos de estudo das mais diversas áreas do conhecimento, tais como a Psicologia, a Neurociência, a Filosofia e, mais recentemente, as Ciências Sociais. Dentro destas últimas, a Antropologia tem se destacado por buscar compreender as emoções em seus aspectos culturais e sociais, indo além das abordagens puramente biológicas ou psicológicas. Nesse sentido, a Antropologia tem problematizado a noção de que as emoções não seriam apenas fenômenos individuais e intrapsíquicos, enfatizando seu caráter relacional e intersubjetivo. Seguindo essa ótica, diversos autores têm se dedicado a compreender as emoções em suas dimensões socioculturais. Nessa abordagem, as emoções não são vistas como essências naturais ou estados mentais individuais, mas como fenômenos intersubjetivos, mediados por significados, práticas e arranjos sociais. Dessa forma, a Antropologia tem contribuído para uma visão mais ampla e relacional das emoções, compreendendo-as como fenômenos socialmente construídos, que permeiam as interações, as relações de poder e as dinâmicas culturais.

Este texto reforça a discussão voltada às emoções como objeto de estudos na Antropologia. O texto aborda temas como a dor, vergonha e perda no contexto das relações sociais e das micropolíticas das emoções. O objeto de análise são os sentimentos expressos nas narrativas de uma mãe que, após vinte anos de lutas e tentativas de recuperação de seu filho diante do vício das drogas, cogita em aceitar a sua perda para as drogas e a possibilidade da iminente morte do filho, preparando-se para a dor da perda e do luto.

Construção Social das Emoções: Um Enfoque Antropológico

A abordagem das emoções dentro das ciências sociais, particularmente na Antropologia, tem evoluído significativamente ao longo do tempo. Inicialmente marginalizadas em favor de estudos mais estruturais e objetivos, as emoções ganharam reconhecimento como um elemento central na dinâmica da vida social. Autores como Marcel Mauss desempenharam um papel fundamental ao situar as expressões emocionais como fenômenos sociais passíveis de análise antropológica. Mauss ([1921], 2009), em sua célebre obra "A Expressão Obrigatória dos Sentimentos", pioneiramente explorou como as emoções não são meramente reações individuais, mas sim construções culturais que

moldam e são moldadas pelas interações sociais. Este enfoque lançou as bases para uma compreensão mais profunda das emoções como parte integrante das práticas culturais e das relações interpessoais. Já Durkheim ([1912], 1996), em sua obra "As Formas Elementares da Vida Religiosa", argumentava que as emoções coletivas, como o sentimento de efervescência e excitação vivenciado em rituais religiosos, desempenham um papel fundamental na criação e manutenção da coesão social. Nessa perspectiva, as emoções não são apenas fenômenos internos aos indivíduos, mas constituem-se a partir das relações sociais e contribuem para a formação da própria vida social.

No contexto contemporâneo, a Antropologia continua a investigar como as emoções são vividas, expressadas e negociadas dentro de diferentes contextos culturais. Rezende e Coelho (2010, p.11) destacam que "a presença dos afetos foi sempre notada como parte da dinâmica da vida social", ressaltando a percepção de que as emoções desempenham um papel fundamental nas interações humanas. Esta observação sublinha a visão de que as emoções não são meros estados internos, mas sim componentes inerentes e dinâmicos da vida social. Ao reconhecerem a centralidade dos afetos, os autores sugerem que as emoções são fundamentais para a formação de laços sociais, normas culturais e práticas rituais que estruturam as comunidades humanas. Neste sentido, a Antropologia tem avançado ao reconhecer que as emoções não são universais e fixas, mas variam significativamente entre diferentes contextos culturais e históricos. Essa perspectiva ressalta a importância de abordagens que considerem as emoções como fenômenos socialmente construídos, moldados por normas, valores e relações de poder dentro de uma determinada sociedade. Portanto, a citação de Rezende e Coelho não apenas valida a relevância das emoções como objeto legítimo de estudo dentro das ciências sociais, mas também instiga uma reflexão mais profunda sobre como as emoções influenciam e são influenciadas pela estrutura social em que emerge.

Um exemplo prático, contido nesse artigo, pode ser encontrado na experiência de uma mãe que compartilha sua dor em um grupo de apoio após perder seu filho para as drogas. Nesse ambiente, as emoções emergem não apenas como respostas individuais à perda, mas como construções sociais que são coletivamente negociadas e compartilhadas entre os participantes do grupo.

Ao narrar essa experiência, o artigo não apenas ilustra como as emoções são socialmente construídas, mas também como são mobilizadas e transformadas através das interações sociais. Isso ressalta a importância de considerar as emoções

não como entidades isoladas, mas como produtos dinâmicos das interações sociais e das estruturas culturais que as moldam. Portanto, o estudo das emoções dentro da Antropologia não apenas enriquece nossa compreensão das complexidades humanas, mas também nos alerta para a necessidade de uma abordagem sensível e contextualizada que reconheça seu papel central na construção de identidades individuais e coletivas. Essa contribuição aqui apresentada busca aprofundar a análise das emoções como constructos sociais, utilizando um exemplo concreto para ilustrar como essas dinâmicas operam no contexto de interações sociais específicas, desse modo despertando nos cientistas sociais um anseio de compreender as emoções em seu sentido êmico.

Dessa forma, o presente artigo busca contribuir para a compreensão das emoções como constructos sociais, a partir da narrativa de uma mãe que enfrenta a dor da perda do filho para o mundo das drogas. Ao compartilhar suas experiências em um grupo de apoio, essa mãe cria uma relação socioemocional com os demais participantes, indicando que as emoções decorrentes dessa relação com seus pares surgem efetivamente de uma construção social.

Neste texto, ocorre maior reflexão e abordagem à dor e perda, investigando suas complexidades e como são influenciadas pelas interações socioculturais. Assim podemos perceber que essas emoções não se resumem apenas a uma experiência pessoal, mas também funciona e operam como campos de disputas simbólicas, onde indivíduos e grupos buscam afirmar suas identidades, validar suas vivências e conquistar certo reconhecimento social. E dentro deste debate crítico podemos destacar que a dor opera como "micropolítica" em si mesma. Maria Cláudia Coelho (2013), nos apresenta que o conceito de "micropolíticas das emoções" se refere à forma como as emoções são mobilizadas e articuladas nas interações sociais cotidianas, de modo a produzindo efeitos políticos. E dentro deste contexto, enxergamos que as práticas cotidianas de lidar com a dor também se constituem como micropolítica, à medida que surgem as negociações em torno de quais dores devem ser valorizadas, tratadas ou silenciadas diante/dentro da sociedade em que está situada. Reforçando o entendimento que a micropolítica explora como relações de poder são formadas e sustentadas em contextos íntimos e pequenos, como em famíliões, grupos de amigos, locais de trabalho e comunidades. É a política das relações e das práticas sociais do dia a dia.

De modo que ao entender a dor como uma micropolítica (ainda que em si mesma), a Antropologia expande sua compreensão sobre os processos pelos quais as emoções se

articulam com as dinâmicas de poder, estruturas sociais e também na construção de subjetividades dos indivíduos no seu “ser e estar” no mundo em consonância com regras e perspectivas sociais.

Na construção destes argumentos, contempla-se a obra de Victor Turner (1974), onde o autor analisa a dor e seu impacto na construção da identidade e nas dinâmicas sociais. Em suas análises das experiências humanas, a dor é um conceito que ele explora não apenas como uma sensação física, mas como um fenômeno social e cultural. Turner considera a dor como experiência subjetiva e coletiva, compreendendo que a dor pessoal, para além de uma experiência isolante do indivíduo, pode e tende a ser compartilhada e absorvida em um contexto de empatia social, afirmando que a dor pessoal pode se transformar em um ponto de conexão entre indivíduos e grupos/sociedades. Ainda, a dor para Turner, transcende a experiência física e figura-se como elemento que pode moldar e refletir identidades culturais. Ele argumenta que a forma como as pessoas lidam com a dor — através de rituais, práticas e narrativas — é um meio de expressar e afirmar identidades culturais e sociais. A dor pode ser compartilhada e entendida dentro de um contexto coletivo, o que permite a criação de laços de empatia e solidariedade.

Nessa linha de pensamento diversos outros autores nos orientam a respeito da dor sob um olhar antropológico. Kleinman (1988) explora a dor e o sofrimento a partir da perspectiva dos pacientes, analisando como as narrativas pessoais e culturais moldam a experiência da doença e da dor. Kirmayer (2002) investiga como diferentes culturas entendem e respondem à dor, destacando a influência de contextos culturais e sociais na experiência da dor. Cohen (1985) explora como a dor e o sofrimento podem ser utilizados para construir e manter identidades comunitárias. Bloch e Parry (1982) examinam como os rituais de dor e morte funcionam para regenerar a vida e reconfigurar identidades sociais e culturais. Haines (1983) explora como os Warao enfrentam a dor da perda através de rituais de luto que reforçam a coesão social e a continuidade cultural. Rosaldo (1989) investiga a experiência do luto e da perda entre os ilongotes das Filipinas, examinando como o luto e a dor são moldados por forças culturais e emocionais. Hertz (1960) explora como diferentes culturas lidam com a perda e a morte, com ênfase em rituais que ajudam a processar a dor e a separação.

Nessa perspectiva, o presente artigo se inscreve, buscando analisar as emoções expressas nas narrativas de uma mãe que enfrenta a dor da perda do filho para o mundo das drogas, compreendendo-as como constructos sociais.

Narrativa Materna, Vergonha e Perda

O relato da mãe que será aqui analisado é fruto de observações e interlocuções do pesquisador com um grupo² de amparo e assistência socioemocional a pais com filhos envolvidos com drogas. Nesse contexto, a narrativa de Emília (nome fictício) revela-se como um importante objeto de análise para compreender as emoções como fenômenos socialmente construídos.

[...] ele já bateu no pai, na irmã, em mim...não tem mais jeito. Eu mais o pai dele, a gente vive mudando, correndo dele, mas ele acha a gente. Já foi internado mais de 20 vezes, não tem uma casa de recuperação que ele já não passou. Em todas ele causou problemas. Ninguém mais aceita ele. Já ficou preso. Vive ameaçado, pega coisa dos outros e não sei nem como está vivo ainda, só por Deus mesmo. Eu estou aqui mesmo mais pra ir vendo se eu já me preparam, porque é difícil falar isso, mas eu tenho certeza que eu vou enterrar ele. Ou ele tem um treco e morre intoxicado com tanta droga ou alguém mata ele. Já fiz de tudo, tudo mesmo. Já vendemos quase tudo que a gente tem para tentar ajudar ele, mas ele não está nem aí, não quer sair dessa vida. (Emília, 2020).

Emília, uma mulher de meio-idade, compartilha com o grupo sua história de luta e sofrimento após vinte anos lidando com o vício de drogas de seu filho. Em sua narrativa, ela explora sentimentos de vergonha, dor e perda, evidenciando como tais emoções não se restringem a sua dimensão individual, mas se constituem a partir de relações sociais e culturais mais amplas. A vergonha, por exemplo, surge como um elemento central no relato de Emília. Ela descreve o peso que carrega por ter um filho "viciado em drogas", sentindo-se estigmatizada e envergonhada diante da sociedade. Essa vergonha não se limita a uma experiência psicológica interna, mas é constituída e modulada por expectativas, julgamentos e sanções sociais relacionados ao uso de drogas. Ao narrar suas tentativas frustradas de retirar o filho do mundo das drogas, Emília expressa profunda dor e sofrimento. No entanto, essa dor não se configura apenas como uma emoção individual, mas como uma construção social permeada por discursos, práticas e relações de poder. A narrativa de Emília revela como a dor da perda do filho é intensificada pela culpabilização social direcionada às mães de usuários de drogas, que são

² Os encontros aconteceram na sede Paroquial Comunidade Nossa Senhora do Carmo, na cidade de Várzea Grande – MT entre 2020 e 2021.

frequentemente responsabilizadas pelo "fracasso" de seus filhos.

Nesse contexto, a narrativa de Emília adquire um caráter relacional e intersubjetivo. Ao compartilhar suas experiências com o grupo de apoio, ela constrói uma rede de solidariedade e compreensão mútua, na qual as emoções emergem como produtos de uma complexa trama de relações sociais. Ao se identificar com os sofrimentos de outros pais, Emília transcende a vivência individual da dor e da perda, permitindo-nos reconhecer-las como fenômenos construídos coletivamente. Dessa forma, a narrativa de Emília evidencia como as emoções que ela experimenta - a vergonha, a dor, a perda - não são meras manifestações de um "eu" interior, mas resultam de uma intrincada teia de relações sociais, discursos e dinâmicas culturais. Ao compartilhar sua história com o grupo, Emília cria uma rede de significados compartilhados³, na qual as emoções são construídas e legitimadas socialmente.

Pois é gente, já sofri tanto, pai dele não tem coragem nem de aparecer num lugar como esse aqui de vergonha dele. Ele nem sabe que eu estou aqui. Falo pra ele que aqui é grupo de oração. Mas eu sei que ninguém mais pode ajudar o Romeu, (nome fictício) ele mesmo não quer. Eu to aqui é me preparando mesmo. Deus sabe. Graças a Deus minha outra filha deu certo na vida. Estudou, é jornalista, trabalha, casou, já tem filha. Agora Romeu nunca quis nada. Só desgosto. Como que eu coloquei uma criatura tão ruim no mundo? Desgraça a vida de tanta gente. Nossa, Deus me perdoe, mas eu não aguento mais. Eu queria ele preso, ao menos ficava vivo, porque do jeito que está eu acho que logo, logo ele aparece morto. (Emília, 2020).

³ O conceito de rede de significados compartilhados torna-se fundamental ser abordado, pois oferece uma estrutura para entender como as emoções são culturalmente moldadas e expressas. Através das teorias de autores como Clifford Geertz que propõe que a cultura pode ser lida como um texto, onde os símbolos e práticas culturais são carregados de significados que precisam ser interpretados para entender a vida social: "A cultura é um sistema de significados compartilhados, que os indivíduos usam para dar sentido às suas experiências e orientar suas ações." (Geertz, 1973, p. 9); Mary Douglas, explora como categorias culturais como pureza e contaminação são usadas para manter a ordem social e como essas categorias refletem sistemas de significados compartilhados. "A pureza e a contaminação são categorias simbólicas usadas para distinguir o que é apropriado e o que deve ser evitado, ajudando a manter a ordem e a integridade cultural." (Douglas, 1966, p. 43); Arlie Hochschild, explora como as emoções são geridas e expressas no contexto do trabalho e da vida social. Ela argumenta que emoções são manipuladas para atender às expectativas sociais e institucionais. "O trabalho emocional envolve a gestão das emoções para alcançar objetivos específicos e é fundamental para a interação social e as práticas culturais." Catherine Lutz argumenta que emoções são socialmente construídas e que cada cultura possui um repertório específico de emoções e formas de expressá-las. "As emoções são profundamente influenciadas pelas estruturas sociais e culturais, e seu significado é construído através de práticas e interações culturais." (Lutz, 1988, p. 45); Jean Briggs Briggs investiga como os Inuit regulam suas emoções e o papel das emoções na dinâmica social e cultural: "Os Inuit utilizam uma variedade de estratégias para regular e expressar emoções, refletindo normas culturais e sociais específicas." (Briggs, 1970, p. 102), enfatizando esses apontamentos podemos explorar como os significados emocionais são construídos e mantidos dentro de diferentes contextos culturais.

A citação de Emília revela um profundo conflito interno com sua identidade como mãe. Ao questionar como pôde "colocar uma pessoa tão ruim no mundo", ela expressa não apenas culpa, mas também uma crise na definição de seu papel como mãe. Temos então que eventos significativos na vida de um filho têm um impacto direto no self da mãe⁴, afetando sua autoimagem e senso de responsabilidade. Emília internaliza a culpa pelo comportamento de seu filho, sugerindo que ela falhou não apenas em educá-lo, mas até mesmo em concebê-lo. Esse sentimento de responsabilidade ampliada para todo o "mal" que o filho causa, reflete não apenas em uma carga emocional intensa, mas também como as normas sociais sobre maternidade podem intensificar essa percepção de culpa.

A análise desses pontos revela a complexidade das emoções humanas e como são mediadas por estruturas sociais e culturais. Justificando a investigação dessas interações para compreender como as emoções individuais são formadas e expressas dentro de contextos mais amplos, contribuindo para uma compreensão mais profunda das dinâmicas emocionais na sociedade contemporânea.

Expressão da dor e a aflição do luto

Emília, ao enfrentar a possível perda de seu filho, inicialmente pode ter tentado convencer a si mesma de que conseguia suportar o peso da dor. No entanto, após algumas interações com Emília, tornou-se evidente que o sofrimento e a angústia resultantes dessa experiência não seriam facilmente superados. A persistência e a intensidade das memórias ligadas à perda revelaram-se como um verdadeiro "castigo" para ela, uma carga emocional que não diminuiria com o tempo.

Em um contexto analítico, a experiência de Emília diante da iminente perda de seu filho pode ser compreendida à luz dos estudos sobre dor, luto e ritual. Clifford Geertz (1973) sugere que os indivíduos recorrem a sistemas simbólicos e rituais para lidar com eventos traumáticos, como a perda de um ente querido, buscando significados que ajudem a mitigar o sofrimento inicial. Mary Douglas (1966) argumenta que eventos de ruptura, como a perda de um filho, podem alterar

⁴ Adotamos o entendimento que o self de mãe é caracterizado por uma rica experiência emocional, que varia desde a alegria e o amor até o estresse e a preocupação e a maneira como as mães constroem e vivenciam sua identidade pessoal e social através da maternidade essas emoções não apenas influenciam o bem-estar emocional da mãe, mas também afetam suas interações sociais e percepções de si mesma.

profundamente a estrutura simbólica da vida cotidiana, intensificando a sensação de desordem emocional e pessoal. Nesse sentido, as memórias não apenas persistem, mas também moldam a identidade e o cotidiano de Emília, impondo uma carga emocional que se perpetua ao longo do tempo.

De forma que ao analisarmos, percebemos que a experiência de Emília não se limita apenas ao domínio pessoal, mas também está enraizada em processos culturais e simbólicos mais amplos. As estratégias de enfrentamento e os rituais de luto, conforme descritos por Geertz e Douglas, oferecem uma lente para entender como Emília tenta negociar sua dor dentro de um contexto culturalmente informado, onde a persistência das memórias e o peso emocional da perda podem ser vistos como partes integrantes da sua jornada de cura e adaptação. Em outros termos teóricos, a experiência de Emília também pode ser entendida à luz das concepções de luto prolongado e trauma emocional. Segundo Kübler-Ross (1969), o processo de enfrentamento do luto envolve estágios complexos que podem prolongar-se indefinidamente dependendo da profundidade do vínculo emocional e das circunstâncias da perda. Stroebe e Schut (1999) complementam essa perspectiva ao discutir a "dor persistente", destacando como as lembranças vívidas e os sentimentos intensos associados à perda podem perpetuar o sofrimento emocional ao longo do tempo.

Em contínua análise ao caso de Emília, podemos compreender melhor a natureza desafiadora e persistente de seu sofrimento, elucidando como a memória da perda continuaria a exercer um impacto significativo sobre seu bem-estar emocional, independentemente da passagem do tempo, reforçando que a experiência de perda pode transformar a identidade pessoal e social dos enlutados, influenciando seus papéis familiares, status na comunidade e perspectiva de vida. O processo de luto e elaboração da perda não segue uma trajetória linear ou uniforme. Em vez disso, é caracterizado por altos e baixos, avanços e retrocessos. Mesmo quando a pessoa enlutada parece ter progredido nas fases iniciais de aceitação e adaptação a uma nova realidade, as memórias dolorosas e a saudade podem continuar a assombrá-la, resultando em renovado sofrimento emocional.

No caso de Emília, a não compreensão da duração das memórias se tornaria um fardo constante, um sentimento de que o castigo pela perda continuaria indefinidamente. Isso sugere que, apesar de qualquer aparente aceitação externa, seus processos internos de luto e reconstrução de sua vida após a perda não seriam completamente resolvidos. A persistência desse sofrimento pode estar relacionada à

profundidade do vínculo emocional que ela tinha com seu filho, às expectativas sociais sobre como o luto deve ser vivenciado, e à sua própria jornada pessoal de encontrar significado e reconciliação com a perda. Portanto, a experiência de Emília ilustra como o luto pode ser um processo complexo e contínuo, onde as emoções não seguem um curso previsível e podem continuar a impactar profundamente sua vida, mesmo após um período de tempo significativo desde a perda inicial.

A vergonha do pai

Em uma das sessões de acompanhamento, Emília é questionada sobre a participação do pai de Romeu, Pedro (nome fictício), nos encontros. Ao abordar o assunto, Emília demonstra uma postura cautelosa e certo temor em sua fala. Emília descreve que, apesar de Pedro sempre prestar assistência e auxílio ao filho, ele apresenta um comportamento marcado por nervosismo e, por vezes, até mesmo com agressividade. No entanto, a mãe exprime uma compreensão e a tentativa de justificar tais condutas por parte do genitor. Emília relata:

Nossa ele já tem 67 anos, já está idoso e ele (Romeu) não respeita ninguém, nem o coitado do pai. Pedro sempre trabalhou com política e fica feio demais pra ele ter um filho assim. Porque ele (Romeu) também já saiu por aí usando o nome do pai pra conseguir coisas pra trocar em drogas ou pedindo dinheiro emprestado no nome dele (do pai). E como ele é conhecido (Pedro) vixi, demorou pro povo parar de arrumar dinheiro pro Romeu. Nossa para o Pedro é uma morte isso tudo. Ele vive falando que só está vivo por Deus de tanto desgosto que já passou. A gente era bem de situação, bem mais que agora. A gente ainda tem umas casas de aluguel, mas era pra está bem melhor. Vendemos muita coisa para ajudar ele. Nossa a gente era bem visto! Porque na verdade Romeu ficou pior de uns 12 anos para cá, nisso o Pedro ficou muito queimado. Se ele souber que eu estou vindo desabafar um pouco aqui acho que ele tem um treco de tanta vergonha. Mas a gente não tem culpa né? (Emília, 2020)

Observando a dinâmica familiar de Emília e Pedro diante da situação de seu filho Romeu, percebe-se claramente como tanto a mãe quanto o pai lidam com emoções complexas como culpa e vergonha, influenciadas pelas expectativas sociais e pela estrutura hierárquica do grupo ao qual pertencem. Em relação a Pedro, a vergonha se manifesta como um obstáculo significativo para sua participação nos encontros de apoio. A

vergonha, sendo um fenômeno sociocultural, implica que sua intensidade e impacto dependem da presença e do julgamento de outras pessoas. Nesse contexto, Pedro sente vergonha não apenas pela situação de seu filho, mas também pela eventual exposição aos seus pares na política. A estrutura social do grupo ao qual ele pertence valoriza o prestígio e a imagem pública, e ter um filho com problemas de vício de drogas é percebido como uma falha ou desafio à sua reputação e posição dentro dessa hierarquia.

Ainda nesse arranjo familiar revela-se uma complexidade no relacionamento entre Emília, Romeu e Pedro. A ausência paterna nos encontros se reforça por diversos fatores, que são vistos nas dificuldades emocionais e psicológicas do pai em lidar com a situação do filho, possivelmente refletindo em uma postura defensiva ou preservativa de sua imagem. Acontece também possíveis tensões e conflitos no relacionamento conjugal entre Emília e Pedro, que possam estar interferindo na participação conjunta nos encontros. Ainda questões de ordem prática, como comprometimentos profissionais ou outras demandas que impeçam a presença constante do pai.

Essa situação revela um desequilíbrio na linha hierárquica do grupo de Pedro. Enquanto outros membros podem não ter filhos enfrentando problemas similares, a presença de Romeu como um membro desse grupo coloca Pedro em uma posição de vulnerabilidade social. Isso não apenas afeta sua autoimagem, mas também pode influenciar suas interações e seu status dentro do contexto político e social no qual está inserido.

Portanto, a vergonha experimentada por Pedro não é apenas uma emoção individual, mas também é moldada pelas normas e expectativas sociais que governam sua posição dentro de seu grupo de pares. O conflito entre a necessidade de apoio para lidar com a situação de seu filho e o receio de exposição e julgamento ilustra como questões pessoais se entrelaçam com dinâmicas sociais complexas, evidenciando a interseção entre emoção, identidade e estrutura social na vida de Pedro e de sua família.

Os relacionamentos de Romeu: entre vínculos conjugais e a busca pela redenção

Em continuidade à sua narrativa, Emília discorre sobre as trajetórias de relacionamentos vivenciadas por seu filho, Romeu. Ela enfatiza que Romeu apresenta um constante desejo em estabelecer vínculos conjugais e "construir uma

família", com a crença de que essa condição seria a chave para a libertação de seu vício.

Nesse sentido, é possível estabelecer uma relação com a perspectiva apresentada por Rosaldo (1989, p.43), que aponta que "as pessoas em todos os lugares tenham impulsos destrutivos que exigem o controle de sua sociedade". Dessa forma, pode-se observar que, tanto para Romeu quanto, inicialmente, para a própria Emília, o casamento poderia ser vislumbrado como uma forma de controle social e uma via de escape do vício. Essa dinâmica revela a complexidade dos processos de enfrentamento do vício e a busca por soluções, muitas vezes idealizadas em um casamento, por parte de Romeu. A ênfase de Emília na persistência de seu filho em "construir uma família" evidencia a importância que essa estrutura representa, tanto para Romeu quanto, possivelmente, para a própria mãe, como uma estratégia de superação do problema enfrentado.

Ademais, a compreensão desse fenômeno à luz da perspectiva de Rosaldo (1989) sugere a existência de uma dimensão social e cultural enraizada na percepção de Romeu e Emília sobre o casamento como um mecanismo de regulação e controle dos impulsos destrutivos relacionados ao vício. Portanto, a análise dessa narrativa aponta para a necessidade de uma abordagem terapêutica que considere não apenas os aspectos individuais, mas também as dimensões sociais e culturais que permeiam a compreensão e as estratégias de enfrentamento do vício por parte de Romeu e Emília.

Gente ele já tentou casar cinco vezes, e toda vez ele desgraça a vida da menina. Eu mais o pai dele temos que ajudar toda vez. O pai dele, coitado, idoso e tem que ficar bancando ele. Tem que comprar as coisas pra ele quando ele inventa de casar. Não gosta nem de trabalhar. Ele já casou em Brasnorte, com uma moça da igreja, e desgraçou tanto a vida dela que ela nem é mais da igreja, está no mundo, coitada. Depois foi pra Rondonópolis e juntou com outra coitada que ele batia nela direto. Ai depois ele achou a gente lá em Chapada e arrumou uma mulher em São Paulo que iludi tanto a coitada que arrancava dinheiro dela. Pegou mais de três mil reais iludindo a coitada falando que ia para lá casar com ela. Graças a Deus que não foi, se não ia acabar com a vida dela também. (Emília, 2021).

Em seu relato, Emília expõe com intensidade as diversas tentativas frustradas de casamento empreendidas por seu filho, Romeu. Ela enfatiza que, a cada união matrimonial, Romeu acabava por *"desgraçar a vida da menina"*, exigindo a constante intervenção e auxílio financeiro do próprio pai, que, mesmo idoso, se vê obrigado a arcar com os custos gerados

por essas situações. Emília detalha alguns dos episódios, como o casamento de Romeu em Brasnorte⁵, com uma moça da igreja, que resultou em tal sofrimento para a esposa que esta chegou a se afastar da instituição religiosa. Em seguida, houve outro relacionamento em Rondonópolis - MT, no qual Romeu constantemente agredia fisicamente a companheira. Posteriormente, Romeu teria feito uma nova vítima em Chapada dos Guimarães - MT, enganando-a financeiramente e iludindo-a com a promessa de casamento em São Paulo, conseguindo extrair mais de três mil reais da "coitada".

Nesse contexto, o casamento, que deveria representar uma continuidade da interação social, é percebido por Emília de forma extremamente negativa, configurando-se como uma fonte de tristeza e lamento, não apenas para ela enquanto mãe, mas também para as mulheres que se envolvem com Romeu. Emília persiste em expressar a culpa que sente por não conseguir evitar os danos causados por seu filho, reforçando o sentimento de dor que permeia essa trajetória. Essa narrativa revela também a complexidade dos conflitos familiares, em que os laços afetivos e as expectativas sociais em torno do casamento contrastam com os padrões de comportamento autodestrutivo e abusivo apresentados por Romeu. Emília continua seu relato:

Agora esses tempos ele ficou uns dias preso lá em Chapada⁶, que deu essa condenação pra ele, mas ele saiu por causa da pandemia. A gente estava lá, mas veio embora pra ver se ele pegava um rumo. Mas não teve jeito. Ele veio atrás. Chegou chorando, pedindo ajuda, pedindo perdão, falava que sabia que estava errado, mas que a família não podia abandonar ele, que ele precisava de ajuda e que ia ficar duas semanas só ali com a gente e depois ia pra Fortaleza trabalhar e ajudar um pastor a abrir uma igreja lá. Ai, mãe e pai é burro né? A gente deixou ele ficar. Depois ele foi mesmo pra Fortaleza. Ficou umas duas semanas lá tranquilo. Depois não teve jeito. Caiu de novo. Nossa gente, que vergonha! Ele começou a usar e pegar as coisas do pastor que tinha ajudado ele. O pastor tinha até colocado ele pra morar com ele na casa dele. Meu Deus, o que ele aprontou lá eu nem conto, mas foi feio. Eu e Pedro, meu Deus temos vergonha até hoje do pastor. Depois disso aí, a esposa do pastor ficava ligando pra gente direto falando: irmã pelo amor de Deus irmã, manda uma passagem pra Romeu ir embora, por favor irmã, a gente não quer jogar ele na rua, mas aqui ele não pode mais ficar, nossa nunca vi uma coisa dessas, nossa já mexi com gente assim, mas nunca vi desse jeito. Gente é difícil falar assim, mas não tem outro jeito, to aqui pra me preparar mesmo, vinte anos desse jeito. Vixi tem muito mais coisa que ele fez... depois de Fortaleza foi pra Goiânia e depois achou uma mulher lá em

⁵ Município de Mato Grosso a cerca de 590 km da capital Cuiabá.

⁶ Chapada dos Guimarães: cidade turística de Mato Grosso, a 65 quilômetros da Capital Cuiabá.

Araçatuba e noivou e ia casar. De novo falou que precisava de ajuda pra casar, que precisava de uma família pra firmar, que ia da tudo certo. Nossa como me arrependo de ter ajudado ele a ir pra Araçatuba. Chegou lá o que ele aprontou foi demais. Praticamente acabou com a vida da menina lá. A coitada fez dívida pra noivar com ele, ela é da igreja também, morava sozinha e ele engambelou ela pra casar. Nunca tinha visto um ou outro pessoalmente, pra vocês ver o quanto ele é bom na conversa. Nossa não foi uma semana depois desse noivado lá e ele caiu de novo. Xingava a menina tudo, pegou as coisas dela pra trocar, ameaçou ela, pegou os filhos dela, que ela tem duas crianças e saiu pedindo comida na vizinhança falando mal dela, pra trocar em droga... terrível. Ai no final, foi a mesma coisa, a gente teve que mandar dinheiro pra tirar ele de lá pra parar de perturbar quem não tem nada a ver com isso. Bem que ela é de maior sabia que ele tinha um problema, mas pensou que estava curado, no fim eu e Pedro mandou dinheiro pra ele sair de lá. Ele disse que ia voltar pra Rondonópolis, numa casa de libertação lá, mas ele achava que o ônibus ia passar aqui por Cuiabá primeiro, mas o pai dele comprou a passagem direto pra lá (Rondonópolis). Quando ele chegou na rodoviária e viu que era direto pra lá, hum! quem disse que ele queria embarcar? Fez o maior pampeiro lá... quase perdeu o ônibus, teve que prometer pra ele que ia mandar um dinheiro pra ele poder entrar no ônibus. Mas no mesmo dia que ele embarcou, pegamos nossas coisas e fomos embora... agora tamo morando escondido dele lá e Livramento⁷ de novo. Nem os parentes sabem onde a gente está pra não falar pra ele, porque é bom na conversa e pra descobrir é rapidinho. (Emília, 2021)

Nesse trecho da narrativa, Emília reforça as experiências dela e Pedro com seu filho Romeu, ilustrando os desafios enfrentados diante de suas recorrentes crises decorrentes do vício em drogas. O trecho nos revela uma sequência de eventos marcados por tentativas fracassadas de Romeu em estabelecer-se, tanto geograficamente quanto socialmente, acompanhadas pela constante necessidade de apoio financeiro e emocional de sua família. Romeu demonstra um padrão de comportamento instável e autodestrutivo, caracterizado por múltiplos relacionamentos fracassados, uso contínuo de drogas e comportamento desonesto e manipulador. A narrativa enfatiza como seus pais, Emília e Pedro, são afetados emocionalmente por suas ações, enfrentando sentimentos de vergonha, culpa e arrependimento por terem ajudado repetidamente seu filho em suas tentativas infrutíferas de mudar de vida.

A mudança frequente de localidade e a necessidade de esconder-se de Romeu destacam a natureza desestruturada e até caótica de suas interações familiares. Emília e Pedro parecem estar presos em um ciclo de esperança e

⁷ Nossa Senhora do Livramento: pequeno município do estado de Mato Grosso, aproximadamente a vinte e cinco quilômetros da capital Cuiabá e população estimada em 13.000 habitantes.

desapontamentos, alternando entre momentos de compaixão e frustração diante das escolhas de seu filho. Este relato evidencia não apenas os desafios pessoais enfrentados por Romeu, mas também os impactos significativos sobre seus pais, ilustrando a interseção entre problemas individuais e dinâmicas familiares complexas. Vemos então, em uma análise mais aprofundada das dinâmicas de poder, afeto e responsabilidade dentro da família descrita, é essencial considerar os diversos elementos que influenciam esses aspectos, especialmente no contexto do vício em drogas e das estratégias de enfrentamento familiar. Primeiramente, as dinâmicas de poder se manifestam na relação entre os membros da família, onde Emília e Pedro ocupam papéis de autoridade e cuidado em relação a Romeu, seu filho. Emília, provavelmente influenciada por normas culturais e expectativas sociais associadas ao papel materno, tende a sentir uma responsabilidade intensa pela situação de Romeu, refletindo uma dinâmica de poder onde a preocupação materna se mistura com sentimentos de culpa e obrigações morais.

Pierre Bourdieu ([1970], 2014), contribui significativamente para a compreensão das dinâmicas de poder dentro de contextos sociais, incluindo a dinâmica familiar. Bourdieu propôs o conceito de "capital" em suas análises, que inclui não apenas o capital econômico, mas também o capital social e cultural. Esses diferentes tipos de capital interagem para estabelecer relações de poder dentro de grupos e entre indivíduos. No contexto da família de Emília, podemos entender através dos conceitos de Bourdieu as dinâmicas de poder entre Emília, Pedro e Romeu. Emília e Pedro, como pais, possuem um capital social e cultural que influencia sua posição de autoridade e influência sobre Romeu. Esse capital pode incluir redes de apoio social, conhecimento cultural e habilidades educacionais que moldam suas interações familiares.

Romeu, por outro lado, pode ser visto como tendo um capital mais frágil e/ou menos valorizado dentro da estrutura familiar, especialmente devido aos desafios relacionados ao vício em drogas. Suas ações e decisões podem ser vistas como uma tentativa de acumular capital de diferentes formas, como a tentativa de estabelecer relações interpessoais em diferentes locais e contextos. Bourdieu também discute a noção de "*habitus*", que se refere aos padrões internalizados de comportamento e percepção que guiam as práticas cotidianas dos indivíduos. No caso de Romeu, seu *habitus* pode ser moldado por experiências passadas, expectativas sociais e normas culturais que influenciam suas escolhas e interações dentro da família. Reforçando essa abordagem, Bourdieu ainda traz o conceito de "campo", que se refere aos espaços

sociais estruturados onde agentes (indivíduos e instituições) competem por diferentes formas de capital. O campo familiar, portanto, pode ser visto como um espaço onde Emília, Pedro e Romeu interagem, negociam poder e lidam com as consequências das decisões individuais e coletivas. De modo que, a abordagem de Bourdieu oferece uma poderosa lente analítica para examinar as dinâmicas de poder dentro da família descrita, destacando como o capital, o *habitus* e o campo interagem para moldar as interações familiares, especialmente em contextos desafiadores como o enfrentamento do vício em drogas. Por outro lado, Pedro pode enfrentar desafios diferentes, especialmente considerando seu papel de provedor e figura paterna. A vergonha e o constrangimento que ele relata podem estar relacionados à sua posição na comunidade ou grupo social ao qual pertence, onde a reputação familiar pode ser percebida como afetada pelas ações de Romeu. Isso sugere uma dinâmica de poder onde a imagem pública e o prestígio social são importantes, influenciando as decisões de Pedro em relação ao suporte dado a seu filho.

Em termos de afeto, observa-se uma interação complexa entre amor incondicional e frustração emocional. Emília e Pedro demonstram um ciclo de esperança e decepção conforme Romeu enfrenta repetidos desafios e recaídas. Esse aspecto emocional pode ser acentuado pelo estresse contínuo de lidar com as consequências do vício de Romeu, evidenciando como o afeto é testado e (re)afirmado ao longo do tempo. Essa dinâmica complexa entre amor incondicional e frustração emocional ressalta a natureza multifacetada dos processos afetivos, que se manifestam de forma não linear e estão sujeitos a diversas influências contextuais. A análise desses aspectos contribui para uma compreensão mais aprofundada das relações humanas e dos desafios enfrentados por indivíduos e famílias em situações de dependência. E esses laços emocionais entre os entes desta família são postos à prova, demandando constantes negociações e (re)definições à medida que eles atravessam pelas turbulências geradas pelo vício em drogas.

Além do mais, observa-se que, a responsabilidade é um tema central, tanto para Emília e Pedro quanto para a própria sociedade. A responsabilidade familiar tradicionalmente envolve cuidar e apoiar os membros familiares, mas o vício em drogas desafia essas normas ao exigir recursos emocionais, financeiros e sociais consideráveis. A falta de soluções duradouras que geram sentimento de impotência e culpa, especialmente quando as estratégias de enfrentamento familiar não produzem os resultados esperados. E diante dessas dinâmicas familiares nos é revelado um entrecorte

complexo entre fatores culturais, sociais e estruturais que moldam as experiências de Emília, Pedro e Romeu diante do desafio do vício em drogas. As normas culturais, vemos que, desempenham um papel crucial ao estigmatizar o vício em drogas, influenciando tanto a percepção pública de Romeu quanto as reações emocionais e práticas de Emília e Pedro. Este estigma não apenas impacta a autoimagem de Romeu, mas também afeta como a família percebe e responde às suas lutas, podendo criar barreiras adicionais para buscar apoio e ajuda.

Além disso, as políticas públicas deveriam desempenhar um papel decisivo ao motivar o acesso aos serviços de saúde mental e aos recursos comunitários disponíveis. A disponibilidade e a qualidade desses recursos situam de forma significativa as opções de enfrentamento da família, influenciando suas decisões sobre tratamento, intervenção e apoio emocional. A falta de acesso a serviços de saúde mental, por exemplo, pode limitar as oportunidades de Romeu receber tratamento adequado e contínuo, exacerbando as tensões dentro da família e restringindo suas capacidades de lidar eficazmente com as consequências do vício.

Portanto, na compreensão dessas dinâmicas familiares no contexto do vício em drogas sempre requer uma análise sensível e abrangente dos contextos culturais, sociais e políticos que moldam as experiências individuais e coletivas. Esses fatores não apenas influenciam as percepções e respostas de Emília, Pedro e Romeu, mas também delineiam os recursos disponíveis para enfrentar os desafios associados ao vício em drogas dentro de uma estrutura familiar e comunitária operando em suas decisões e experiências.

Nesse sentido é pertinente considerar a contribuição de alguns autores que oferecem uma visão abrangente sobre o estudo antropológico das drogas. Manderson (1995), traz que o consumo de drogas não se limita a uma escolha individual, mas é uma prática social que se desenvolve em contextos culturais particulares e é interpretada por meio de sistemas simbólicos compartilhados. Já Bourgois (2003), nos diz que o uso de drogas é influenciado por estruturas sociais particulares, e sua investigação deve abranger não apenas os comportamentos individuais, mas também as condições econômicas, políticas e históricas que influenciam esses comportamentos. Segundo Singer (2005), a abordagem crítica da antropologia em relação às drogas questiona interpretações simplistas do uso de substâncias, explorando como o contexto social, as dinâmicas de poder e a marginalização moldam as experiências individuais e os significados atribuídos ao consumo de drogas. Agar (1973), aumenta esse debate ao argumentar que o estudo das drogas

não se limita à análise dos padrões de consumo e distribuição, mas também revela os sistemas de valores, crenças e relações sociais que organizam as práticas relacionadas ao uso de substâncias psicoativas. Diante dessas reflexões, notamos amplo espaço e relevo à diversidade de abordagens antropológicas ao estudo das drogas, destacando a importância de considerar as dimensões culturais, sociais e simbólicas envolvidas no uso e na significação das substâncias psicoativas em diferentes contextos humanos.

Isso não apenas ajudará a entender melhor os desafios enfrentados por esta família específica, mas também contribuirá para um entendimento mais amplo das complexidades envolvidas no apoio a indivíduos afetados pelo vício em drogas dentro do contexto familiar e social. Nesse sentido, a análise desse caso apontou para a necessidade de uma abordagem terapêutica integrada, capaz de considerar não apenas os aspectos individuais, mas também as dinâmicas familiares e sociais envolvidas.

Considerações Finais

O presente artigo buscou contribuir para a compreensão das emoções como construtos sociais, a partir da análise da narrativa de uma mãe que enfrenta a dor da perda do filho para o mundo das drogas. Ao compartilhar suas experiências em um grupo de apoio, essa mãe cria uma relação socioemocional com os demais participantes, indicando que as emoções decorrentes dessa relação com seus pares surgem efetivamente de uma construção social.

Resgatando a tradição antropológica que comprehende as emoções para além de fenômenos individuais e biológicos, o artigo demonstrou como a vergonha, a dor e a perda vivenciadas por Emília não se limitam a sua dimensão psicológica interna, mas são constituídas e moduladas por relações sociais, discursos e dinâmicas culturais mais amplas. A narrativa de Emília revela como a vergonha que ela carrega é fruto de um estigma social direcionado aos pais de usuários de drogas, assim como a dor da perda do filho é intensificada por uma culpabilização social direcionada às mães. Ao compartilhar sua história com o grupo de apoio, Emília cria uma rede de significados compartilhados, na qual as emoções são legitimadas e construídas coletivamente.

Dessa forma, o artigo contribui para uma visão mais relacional e socialmente situada das emoções, problematizando a noção de que elas seriam exclusivamente fenômenos individuais e intrapsíquicos. Ao analisar a narrativa de Emília, o texto

evidencia como as emoções são produzidas e reproduzidas em um intrincado jogo de relações sociais, discursos e arranjos culturais.

Referências

- AGAR, Michael Herman. 1973. *Ripping and Running: A Formal Ethnography of Urban Heroin Addicts*. New York: Seminar Press.
- BLOCH, Maurice; PARRY, Jonathan (Eds.). 1982. *Death and the Regeneration of Life*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BOURDIEU, Pierre.[1970] 2014. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 7. ed. Petrópolis: Vozes.
- BOURGOIS, Philippe. 2003. *In Search of Respect: Selling Crack in El Barrio*. 2nd ed. New York: Cambridge University Press.
- BRIGGS, Jean Louise. 1970. *Never in anger: portrait of an Eskimo family*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- COELHO, Maria Cláudia. 2013. "As emoções, a vida social e a pesquisa em Antropologia". In: *Revista de Antropologia*, vol. 56. p. 203-231.
- COHEN, Anthony Paul. 1985. *The Symbolic Construction of Community*. London: Tavistock.
- DAS, Veena. La antropología del dolor. 2008. In: ORTEGA, Francisco A. (Org.). *Veena Das: sujetos del dolor, agentes de dignidad*. Bogotá: UNAL, pp. 409-436.
- DOUGLAS, Mary. 1976. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva.
- DURKHEIM, Emile. [1912]1996. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes.
- GEERTZ, Clifford. 1973. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- HAINES, David William. 1983. *Rituals of Grief: The Depiction of Mourning and Death in a Warao Community*. Anthropological Quarterly, v. 56, n. 3, p. 111-121.
- HERTZ, Robert. 1960. *Death and the Right Hand*. Traduzido por Rodney e Claudia Needham. Glencoe, IL: The Free Press.
- HOCHSCHILD, Arlie. 1983. *The Managed Heart: Commercialization of Human Feeling*. University of California Press.
- KIRMAYER, Laurence Jonathan. 2002. "Broken Narratives: Clinical Encounters and the Poetics of Illness Experience". In: MATTINGLY, Cheryl; GARRO, Linda C. (Eds.). *Narrative and the Cultural Construction of Illness and Healing*. Berkeley: University of California Press. p. 153-180.
- KLEINMAN, Arthur. 1988. *The Illness Narratives: Suffering, Healing, and the Human Condition*. New York: Basic Books.
- KLEINMAN, Arthur; DAS, Veena & LOCK, Margaret. 1997. *Social Suffering*. Berkeley: University of California Press.

- KÜBLER-ROSS, Elisabeth. 1969. *On Death and Dying*. New York: Macmillan.
- LAMBEK, Michael. 2010. *Ordinary Ethics: Anthropology, Language, and Action*. New York: Fordham University Press.
- LUTZ, Catherine. 1988. *Unnatural emotions: everyday sentiments on a Micronesian atoll and their challenge to Western theory*. Chicago: University of Chicago Press.
- MANDERSON, Desmond. 1995. *From Mr. Sin to Mr. Big: A History of Australian Drug Laws*. Melbourne: Oxford University Press.
- MAUSS, Marcel. 2009. A Expressão Obrigatória dos Sentimentos. In *Ensaios de Sociologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, pp. 325-335.
- REZENDE, Claudia Barcellos., & COELHO, Maria Claudia. 2010. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- ROSALDO, Renato. 1989. *Culture & Truth: The Remaking of Social Analysis*. Boston: Beacon Press.
- SINGER, Merrill. *Introduction to Syndemics: A Critical Systems Approach to Public and Community Health*. San Francisco: Jossey-Bass, 2009.
- STROEBE, Margaret.; SCHUT, Henk. 1999. "The Dual Process Model of Coping with Bereavement: Rationale and Description". In *Death Studies*, v. 23, n. 3, pp. 197-224.
- TURNER, Victor. 1974. *Dramas, Fields, and Metaphors: Symbolic Action in Human Society*. Ithaca, NY: Cornell University Press.